



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ANA KAROLINY DA SILVA MARQUES

**A IMPORTÂNCIA DE UMA REDE DE APOIO PARA MELHORAR O
DESEMPENHO EDUCACIONAL DE ALUNOS COM TRANSTORNOS DE
APRENDIZAGEM**

CAMPINA GRANDE
2024

ANA KAROLINY DA SILVA MARQUES

**A IMPORTÂNCIA DE UMA REDE DE APOIO PARA MELHORAR O
DESEMPENHO EDUCACIONAL DE ALUNOS COM TRANSTORNOS DE
APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - Campus I-Campina Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Inclusão, aprendizagem, transtornos específicos da aprendizagem

Orientador: Prof.^a Dr.^a Livânia Beltrão Tavares

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M357i Marques, Ana Karoliny da Silva.

A importância de uma rede de apoio para melhorar o desempenho educacional de alunos com transtornos de aprendizagem

[manuscrito] / Ana Karoliny da Silva Marques. - 2024.

31 f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Livanía Beltrão Tavares, Departamento de Educação - CEDUC".

1. Inclusão. 2. Aprendizagem. 3. Transtornos específicos de aprendizagem. I. Título

21. ed. CDD 371.9

ANA KAROLINY DA SILVA MARQUES

A IMPORTÂNCIA DE UMA REDE DE APOIO PARA ALUNOS PARA MELHOR
DESEMPENHO EDUCACIONAL DE ALUNOS COM TRANSTORNO DE
APRENDIZAGEM

Artigo Científico apresentado à Coordenação
do Curso de Pedagogia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia

Aprovada em: 19/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Diana Sampaio Braga** (***.689.293-**), em **24/11/2024 20:35:12** com chave **c0237080aabc11ef91c31a1c3150b54b**.
- **Livania Beltrão Tavares** (***.915.084-**), em **24/11/2024 09:27:34** com chave **7b5e4dbaaa5f11efaef71a7cc27eb1f9**.
- **Eduardo Gomes Onofre** (***.833.914-**), em **24/11/2024 21:12:49** com chave **01157e08aac211efbb671a7cc27eb1f9**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 19/02/2025

Código de Autenticação: 939972



Dedico este trabalho, à minha irmã Maysa, que foi minha fonte de inspiração para aprofundar-me nesta temática. Também dedico, a todos os alunos com transtornos de aprendizagem, que nos fazem enxergar a importância da inclusão, dando-nos compreensão nas práticas educativas.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. REFERENCIAL TEÓRICO	7
2.1 Diferença entre Dificuldade de Aprendizagem e Transtorno de Aprendizagem.....	8
2.2 Transtorno de Aprendizagem como uma realidade no âmbito educacional.....	9
2.3 Principais desafios enfrentados pelos alunos com Transtorno de Aprendizagem	11
3. METODOLOGIA	16
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS.....	25
APÊNDICES	27

A IMPORTÂNCIA DE UMA REDE DE APOIO PARA MELHORAR O DESEMPENHO EDUCACIONAL DE ALUNOS COM TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM

Ana Karoliny da Silva Marques¹
Livânia Beltrão Tavares²

RESUMO

Este trabalho, tem como objetivo: descrever a importância de uma rede de apoio para melhorar o desempenho educacional de alunos com transtornos de aprendizagem. A pesquisa foi realizada no INCLUIR - Centro Especializado em Aprendizagem, o qual atende crianças com transtornos de aprendizagem. A discussão abrange conceitos fundamentais sobre aprendizagem, diferenciando as dificuldades de aprendizagem perante os transtornos de aprendizagem, destacando os desafios emocionais e sociais enfrentados pelos alunos. Além disso, examina o papel de professores para um suporte eficaz. Por fim, serão apresentados os dados coletados, acompanhados de uma discussão abrangente sobre os resultados, enfatizando as implicações para as práticas educacionais.

Palavras-chave: Rede de apoio; Transtornos de aprendizagem; Dificuldades de aprendizagem; Inclusão.

ABSTRACT

This paper aims to describe the importance of a support network to improve the educational performance of students with learning disabilities. The research was conducted at INCLUIR - Specialized Center for Learning, which serves children with learning disabilities. The discussion covers fundamental concepts about learning, differentiating learning difficulties from learning disabilities, highlighting the emotional and social challenges faced by students. In addition, it examines the role of teachers in providing effective support. Finally, the data collected will be presented, accompanied by a comprehensive discussion of the results, emphasizing the implications for educational practices.

Keywords: Support network; Learning disabilities; Learning disabilities; Inclusion.

¹ Graduanda no curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB): ana.karoliny@aluno.uepb.edu.br

² Professora Doutora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB): livaniania@servidor.uepb.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Os transtornos da aprendizagem são um dos grandes desafios da educação no século XXI, porque os alunos com este transtorno, possuem dificuldades específicas na aprendizagem de leitura, escrita ou na matemática. Esses indivíduos apresentam um resultado de aprendizagem “consideravelmente baixo” pelo esperado para sua faixa etária, baixo nível de escolaridade e capacidade intelectual, trazendo grandes prejuízos para seu desenvolvimento intelectual e pessoal, DSM-5-TR (American Psychiatric Association, 2023).

É importante desmistificar que se um aluno possui dificuldade de aprendizagem, não quer dizer especificamente que o mesmo possui algum transtorno específico da aprendizagem. A dificuldade de aprendizagem muitas vezes tem origem em fatores externos, relacionados com os métodos pedagógicos, o estado emocional da criança, ambiente familiar, situação socioeconômica, a má qualidade da alimentação, dentre outras. Essas são dificuldades que não persistem, intervindo nessas causas são possíveis de serem solucionadas (Ohlweiler, 2016).

Os transtornos de aprendizagem, no entanto, são mais complexos de enfrentar por tratarem-se de fatores internos, ocorrem-se quando há comprometimento dos fatores neurobiológicos; o cérebro desse indivíduo não processa as informações da mesma forma que um indivíduo típico, não existe uma cura para essa condição, acompanhará o indivíduo durante toda sua vida (Gómez; Terán 2014).

No âmbito educacional, alunos com transtornos de aprendizagem muitas vezes são incompreendidos pela família e pela escola, essa realidade é reproduzida no filme: “Como Estrelas na Terra”, de origem indiana, dirigido por Aamir Khan, lançado em 2007, no original intitulado de Taare zameen Par - Every Child is Special. O protagonista, o menino Ishaan Awasthi, passa por vários desafios por ter dislexia e não ter apoio de ninguém ao seu redor, o mesmo é vítima de preconceito e bullying.

Nesse contexto, o presente artigo vem trazer algumas contribuições de uma rede de apoio para alunos com transtornos de aprendizagem, para que os mesmos possam enfrentar esses transtornos e possam progredir e superar suas limitações.

Todos os indivíduos têm o direito de aprender, de conquistar os seus sonhos. Os indivíduos que possuem (TA) sigla para Transtornos de Aprendizagem, necessitam de uma atenção especial para que tal condição, seja diagnosticada precocemente. O diagnóstico é multidisciplinar, necessitando de um consenso entre os profissionais, o feedback do professor sobre o andamento do tratamento é de suma importância.

Os educandos com transtornos de aprendizagem sendo a dislexia, discalculia e disgrafia, constantemente encaram dificuldades significativas no âmbito educacional, impactando negativamente no seu rendimento acadêmico e emocional. A ausência de uma rede de apoio composta por familiares, professores e profissionais especializados agrava esses desafios, dificultando a inclusão e o sucesso educacional dos mesmos.

Perante o exposto, surge a necessidade de investigar de que maneira uma rede de apoio eficiente pode contribuir para melhorar o desempenho escolar e emocional desses educandos, oferecendo suporte adequado para superar as barreiras colocadas pelos transtornos de aprendizagem.

A justificativa do estudo aborda a importância de estudar a temática dos transtornos de aprendizagem, como: dislexia, discalculia e disgrafia, uma vez que, esses alunos enfrentam sérios prejuízos em seu desempenho escolar devido cérebro ser neurodivergente, funcionando diferente do padrão apesar dos esforços, muitos não conseguem progredir academicamente, resultando em frustrações e, em alguns casos, aversão à escola. O estudo visa contribuir para o desenvolvimento de estratégias que melhorem o desempenho educacional desses alunos, por meio, de um trabalho em equipe que envolva professores, família e profissionais especializados.

A pesquisa também destaca, a relevância de uma rede de apoio composta por diversos agentes educacionais, onde os docentes desempenham um papel crucial ao identificar dificuldades de aprendizagem que podem intervir precocemente e a ajudar na conscientização, por parte dos professores e familiares sobre os desafios enfrentados por esses educandos.

A pesquisa tem como objetivo geral: descrever a importância de uma rede de apoio para alunos com transtornos de aprendizagem, como fator crucial para um melhor desempenho educacional, destacando a importância do trabalho em equipe para que as crianças alcancem a aprendizagem esperada. Tendo como objetivos específicos: caracterizar os transtornos de aprendizagem como uma realidade no âmbito educacional; identificar os principais desafios de alunos com transtornos de aprendizagem sem apoio; descrever a importância de uma rede de apoio precoce para alunos com Transtornos de aprendizagem e analisar a aplicabilidade prática de uma rede de apoio. O referencial teórico, tem como base nos pressupostos de alguns autores conhecidos como: Dias (2003); Ohlweiler (2016); Gómez (2014); Rotta (2016); Pedroso (2016); Bastos (2016) e entre outros que colaboraram significativamente para a produção deste artigo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Antes de descrever as diferenças entre dificuldades e transtornos de aprendizagem, trago a princípio, um entendimento sobre o processo da aprendizagem. O processo de aprendizagem são manifestações importantíssimas na vida do indivíduo, e apresenta influência especial nos primeiros anos de vida, fase que se introduz os primeiros aprendizados, devendo ser respeitados todos os estágios do desenvolvimento para que a aprendizagem aconteça de forma organizada e com êxito. Sobre esta ótica, Ohlweiler (2016) ressaltou:

A aprendizagem é um evento sináptico, e, no seu transcurso, são produzidas modificações moleculares. Na aprendizagem, há uma etapa de aquisição e outra de consolidação. Quando um estímulo novo chega ao cérebro, é produzido um padrão diferente de descargas, provocando uma modificação que persiste. A retenção dessa modificação se relaciona com a memória ou as engramas (Ohlweiler p, 36. 2016).

Pode-se afirmar que, a aprendizagem está ligada a destreza e a capacidade dos indivíduos em priorizar e guardar informações, experienciar, conhecer, decodificar, conservar e utilizar esses conhecimentos provenientes do meio em que vivem. A aprendizagem são associações e integração ao conhecimento antecedente oportunizando ao sujeito maior aptidão para vivenciar novos contextos e aperfeiçoar sua qualidade de vida (Dias,2003).

Nem sempre, o processo de aprendizagem evolui de acordo com o previsto pelos pais e professores, existem exceções em que as crianças apresentam algumas dificuldades na aprendizagem e que muitas vezes são determinadas em casa pela família, ou na escola pelo professor e colegas de forma errônea prejudicando significativamente a evolução do caso.

É crucial que o aluno que apresenta dificuldade de aprendizagem, receba um olhar atento do educador, com a finalidade de identificar a causa ou o obstáculo que influenciaram a falta de êxito na aprendizagem. O educador, precisa ter esse conhecimento para identificar se o aluno apresenta dificuldades de aprendizagem ou transtornos de aprendizagem, para que o mesmo possa auxiliar os pais a buscarem especialistas para seu filho, no qual consiga ter o tratamento apropriado de acordo com sua especificidade. A falta de atenção dos educadores com esses alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, o fato de identificar as causas precocemente trazem grandes danos para a vida dos educandos.

A partir desses levantamentos em relação à problematização sobre as dificuldades específicas da aprendizagem no âmbito educacional, buscamos inserir dados encontrados sobre a importância de uma rede de apoio para esses alunos superarem suas limitações e terem um melhor desempenho educacional.

2.1 Diferenças entre Dificuldades de Aprendizagem e Transtornos da Aprendizagem

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

A dificuldade de aprendizagem remete-se à defasagem relacionada ao desenvolvimento de uma ou mais aptidões, são dificuldades passageiras possíveis de serem solucionadas com a mediação adequada. A dificuldade de aprendizagem pode estar ligada a inúmeros fatores externos, entre eles método pedagógico, má qualidade da alimentação, cultural, situação socioeconômica, ambiente familiar, autoestima do aluno. Segundo Ohlweiler (2016), sobre isso destaca:

As dificuldades de aprendizagem podem ser chamadas de percurso, causadas por problemas da escola e/ou da família, que nem sempre oferecem condições adequadas para o sucesso da criança. Nessa categoria, também se incluem as dificuldades que a criança pode apresentar em alguma matéria ou em algum momento da vida, além de problemas psicológicos, como falta de motivação e baixa autoestima (Ohlweiler, 2016, p. 107).

O processo de enfrentamento e superação das Dificuldades de Aprendizagem, ocorrem através da aplicação de métodos pedagógicos que façam sentido para o aluno, adequadamente contextualizada em junção à sua cultura familiar e socioeconômica, com vistas a lhe possibilitar pleno desenvolvimento, autonomia, independência e cidadania (Oliveira; Zutião; Mahl. 2020, p.9).

TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM

Os transtornos da aprendizagem comprometem as habilidades específicas da aprendizagem, trazendo prejuízos na leitura, escrita e na matemática. Esses indivíduos irão apresentar resultados consideravelmente abaixo do esperado para seu nível de desenvolvimento, escolaridade e capacidade intelectual. “O termo transtornos de aprendizagem descreve um transtorno neurobiológico pelo qual o cérebro humano funciona ou é estruturado de maneira diferente. Essas diferenças interferem na capacidade de pensar ou recordar” (Gómez; Terán 2014, p.93).

Os transtornos de aprendizagem são mais complexos de serem tratados a longo prazo por estarem ligados a fatores internos, portanto, necessita-se de uma equipe multidisciplinar para fechamento de diagnóstico, e requer tempo por ser necessário o consenso de vários especialistas. Visto que, as dificuldades apresentadas por essas crianças ultrapassam as questões culturais e socioeconômicas, essas dificuldades específicas irão persistir mesmo após a aplicação de diferentes métodos pedagógicos.

“Pode-se observar que, apesar do atendimento específico, o problema que a criança apresenta persiste, muitas vezes por toda a vida” (Ohlweiler, 2016, p. 108). Como enfatiza Ohlweiler (2016), um indivíduo que apresenta transtornos de aprendizagem mesmo com o atendimento especializado, o problema pode seguir durante a vida inteira, por originar-se de um fenômeno neurobiológico, não tem cura, mesmo com tratamento, um sujeito disléxico sempre será disléxico. Portanto, essas crianças necessitam de uma rede de apoio precoce, possibilitando desde cedo, tratar e aprender a lidar com esse transtorno a longo prazo, podendo assim, vencer as barreiras.

2.2 Transtornos de Aprendizagem como uma realidade no âmbito educacional

Em 2013, houve uma modificação na nomenclatura dos transtornos da aprendizagem, feita pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), esse manual foi organizado pela associação Psiquiátrica Americana, a nova nomenclatura antes chamada de Transtornos da Aprendizagem, passa a ser Transtornos Específicos da Aprendizagem.

Os transtornos específicos da aprendizagem são uma realidade no âmbito educacional que trazem grandes prejuízos para a escolarização dos alunos, fazendo com que os mesmos, apresentem diversas repetências e poucas aprendizagens, sendo o motivo de várias queixas de muitos professores e familiares, gerando assim, frustrações e traumas nas crianças acometida com o transtorno.

O DSM-5-TR apresenta três tipos de transtornos específicos da aprendizagem: o transtorno da leitura (dislexia), o transtorno da matemática (discalculia) e o transtorno da expressão escrita (disgrafia). Eles podem acontecer de forma isolada ou associada entre eles, a dislexia é a mais diagnosticada por especialistas.

DISLEXIA

A dislexia, é um transtorno que atinge o aprendizado do indivíduo nas áreas de aprendizagem de leitura e escrita. Existe uma falha no processo de aquisição da linguagem, porque o cérebro do disléxico processa a linguagem de maneira diferente, assim os indivíduos que apresentaram este tipo de transtorno, apresenta uma grande dificuldade em aprender ler e escrever, fazendo com que as crianças não consigam relacionar os sons da fala com a grafia da escrita, confundem as letras simétricas como o p, b, q e d. Geralmente, essas crianças invertem letras nas palavras ou palavras nas frases, assim como juntam palavras ou separam as sílabas de forma inadequada quando escrevem (Ilanhez e Nico, 2002; Alves, Mousinho e Capellini, 2011).

Rotta e Pedroso (2016), trazem a definição da dislexia a partir da Associação internacional de dislexia, definida em 2003 como: “Um transtorno específico do aprendizado de origem neurobiológica. Caracterizado por dificuldades no reconhecimento exato das palavras, na fluência, na soletração e nas habilidades de decodificação” (Rotta, Pedroso, 2016 p.136).

A dislexia apresenta três graus de severidade sendo eles: leve, moderado e severo. Outrossim, divide-se em três tipos: auditiva ou disfonética, visual ou diseidética e mista. “Na dislexia auditiva, são observadas dificuldades significativas na discriminação de sons de letras e palavras compostas, além de falhas na memorização de padrões de sons, sequências, palavras compostas, instruções e histórias” (Rotta; Pedroso, 2016, p.136). Na dislexia visual ou diseidética, o indivíduo apresenta dificuldades na compreensão e discriminação visual como tamanhos e formas. O aluno apresenta dificuldades em seguir e reter sequências visuais, ocorrendo constantes trocas de letras e palavras semelhantes. A dislexia mista é o conjunto dos dois tipos de dislexia, dificuldades visuais e auditivas ao mesmo tempo.

Desse modo, a dislexia impacta significativamente na aprendizagem dos alunos no ambiente escolar, fazendo-os ter dificuldades para aprender a ler e escrever, também falta de atenção em sala de aula; dificuldade para copiar dos livros e lousa; ler em voz alta com dificuldade, e dificuldade para entender o texto lido; apresenta confusão de letras com números e palavras; esses alunos aprendem dificuldades para colocar seus pensamentos em palavras.

Muitas vezes esses alunos são taxados como “preguiçosos e incapazes”, e as pessoas ao seu redor não dão apoio, contribuindo para a baixa autoestima que por esse motivo, por exemplo, acabam sentindo-se frustrados e muitas vezes podendo até odiar ir à escola, como

acontece no filme: “Como Estrelas na Terra” de 2007, tendo como protagonista o menino Ishaan.

DISCALCULIA

A discalculia, é um transtorno caracterizado por uma modificação específica da capacidade de aprendizagem da aritmética, não demonstrada por um atraso mental generalizado ou por um ensino claramente inadequado. O transtorno afeta a aprendizagem dos conhecimentos aritméticos básicos de adição, subtração, multiplicação e divisão (Gómez; Terán 2014).

O déficit refere-se ao domínio de habilidades técnicas básicas de adição, subtração, multiplicação e divisão. Além das habilidades matemáticas abstratas envolvidas em álgebra, trigonometria ou cálculo (CID 10), (Bastos, 2016). As características mais frequentes englobam prejuízos no senso numérico, na conservação de fatores aritméticos, na precisão e fluência do cálculo assim como no raciocínio matemático.

É de suma importância, os professores conhecerem os principais sintomas de discalculia para que o diagnóstico seja feito mais precocemente, contudo, sem o conhecimento da discalculia pode ser confundido com a dificuldade em matemática (Bastos, 2016). O autor supracitado, destaca os principais sintomas encontrados com mais frequência, são eles:

Erro na formação de números, que geralmente ficam invertidos, como se fosse uma imagem em espelho; Dislexia; Inabilidade para efetuar somas simples Inabilidade para reconhecer sinais operacionais e para usar separações lineares; Dificuldade para ler corretamente o valor de números com multidígitos; Memória fraca para fatos numéricos básicos; Dificuldade de transportar números para local adequado na realização de cálculos; Ordenação e espaçamento inapropriado dos números em multiplicações e divisões (Bastos, 2016, p. 182).

Há dados que a discalculia atinge de 3% a 6% das crianças em idade escolar (BASTOS, 2016). Entretanto, outros autores indicam que no Ensino Fundamental essa ocorrência pode variar entre 5% a 15% dos estudantes (Shalev, 2004, apud Bernardi, 2014).

A discalculia quase sempre está associada à dislexia porque constantemente aparecem juntas, fazendo com que os indivíduos apresentem grandes dificuldades em leitura e escrita e na matemática ao mesmo tempo. Conquanto, não se pode generalizar que todas as pessoas com discalculia manifestam obstáculos na leitura e escrita.

García (1998), mencionou que a discalculia pode ser de seis tipos distintos: discalculia verbal: dificuldades de nomear quantidades, números, termos, símbolos e as relações; discalculia practognóstica: dificuldade para enumerar e comparar matematicamente; discalculia léxica: dificuldade na leitura dos símbolos matemáticos; discalculia gráfica: dificuldades para escrever símbolos matemáticos; discalculia ideognóstica: dificuldades com operações mentais; e discalculia operacional: dificuldade para executar operações e cálculos.

A gravidade da discalculia pode ser classificada em leve, moderada e grave. No nível leve, o indivíduo apresenta dificuldades, em um ou dois domínios acadêmicos, mas consegue compensar essas dificuldades com adaptações ou apoio adequado, principalmente durante os anos escolares. No nível moderado, as dificuldades são mais acentuadas, e o indivíduo necessita de ensino intensivo e especializado, além de apoio durante parte do dia na escola, no trabalho ou em casa. Já no nível grave, as dificuldades afetam diversos domínios acadêmicos, e o indivíduo depende de ensino individualizado contínuo e especializado, sendo que, mesmo com apoio adequado, pode não conseguir realizar todas as atividades de forma eficiente (DSM-5-TR, 2023).

O indivíduo com discalculia, manifesta um desempenho consideravelmente abaixo do esperado tendo em vista sua idade cronológica, suas experiências e suas possibilidades

educacionais. Os alunos que apresentam discalculia, sofrem muito na escola por não conseguirem acompanhar a turma e no dia a dia, como por exemplo a matemática é essencial na vida cotidiana, por isso necessitam de uma rede de apoio para superar esses impasses apresentados.

DISGRAFIA

Este Transtorno está relacionado com a letra do indivíduo, conhecido como “letra feia”, esse transtorno de aprendizagem se apresenta como uma grande dificuldade em escrever, fazendo o aluno ultrapassar o uso da força sobre o papel, enquanto escreve. Demonstrando grafias diferentes para a mesma letra ou separação incorreta de palavras.

Segundo Hudson (2019), a disGRAFIA pode ser de três tipos: disGRAFIA espacial – acontece quando o processamento visual e a consciência do espaço estão comprometidos, provocando dificuldade para escrever em linha reta, desenhar e colorir; disGRAFIA motora – Em que não há comando dos músculos da mão e do punho bem desenvolvidos, tornando a caligrafia desalinhada; e disGRAFIA de processamento (ou disGRAFIA disléxica) – No qual há dificuldade em visualizar a aparência das letras, levando a uma caligrafia malformada e na ordem errada das palavras.

Segundo Acampora e Acampora (2017), a disGRAFIA apresenta características como: letra ilegível, escrita desorganizada, traçado irregular ou forte, dificuldade de organização espacial com falta de organização no uso da folha de papel, desordem no texto escrito, desordem das letras e das formas.

Por ser um transtorno relacionado à escrita, muitas vezes os indivíduos acometidos com tal transtorno são taxados com preguiçosos e falta de esforço por parte do aluno. É válido salientar, que a disGRAFIA não se trata de um problema cognitivo, não pode ser associada a problemas intelectuais. Ademais, esse transtorno pode vir como um combinado da dislexia.

2.3 Principais desafios enfrentados pelos alunos com Transtornos de Aprendizagem

Os alunos com transtornos específicos de aprendizagem, enfrentam vários desafios desde as dificuldades na aprendizagem de leitura, escrita ou na matemática, no qual acompanharam esses indivíduos por toda a vida os fazendo muitas vezes “repetirem de série”, mesmo se esforçando para aprender, sente-se muito frustrados por não conseguirem o desempenho almejado e ao contemplarem todos ao seu redor, vendo-os conseguindo. Desse modo, quando esses alunos não possuem uma rede de apoio, seus desafios se tornam maiores como é retratado no filme “Como Estrelas na Terra” de 2007. O garoto Ishaan Awasthi, por possuir dislexia, sofria pela falta de formação dos professores, pela falta de diagnóstico, pela incompreensão dos pais e professores, pelo bullying e a insegurança.

FALTA DE CAPACITAÇÃO DOS PROFESSORES

A escola não está preparada para alunos reais, pois a mesma continua sendo a escola ideal para alunos ideais, ou seja, alunos com aprendizagem típica. E assim, o ensino é igualado a todos, para aprenderem as mesmas coisas, de formas semelhantes, submetidos a avaliações padronizadas na qual contradiz o currículo, em que deve trabalhar a pluralidade e a diversidade, mas muitas práticas desprezam totalmente (Abramowicz, 2003, p.166).

O educador após a sua formação, precisa estar se atualizando para aprimorar o seu ensino e metodologia. Uma turma nunca será homogênea, apresentará crianças em vários níveis e aquelas que estão muito fora dos níveis da turma, precisa de um olhar especial, assim, o professor precisa ser capaz de identificar uma criança com aprendizagem atípica, qual o problema por trás da dificuldade, pois isso só é possível quando o professor tem conhecimento

sobre o assunto para distinguir uma dificuldade de aprendizagem para dificuldades específicas de aprendizagem. Desse modo, tornar-se capaz de identificar e encaminhar para os profissionais especializados, que ajudam adaptar as atividades desses alunos.

Quando o educador homogeneiza o ensino-aprendizagem, ele desconsidera a individualidade de cada aluno, está preparado para ensinar alunos típicos, que apresentam uma “aprendizagem normal”, prejudicando significativamente a aprendizagem de alunos com transtornos específicos de aprendizagem, assim como, alunos com dificuldades de aprendizagem.

São inúmeros os alunos com transtornos de aprendizagem que não são recebidos apropriadamente com o modelo de ensino-aprendizagem concedido de forma insuficiente e irrelevante para as peculiaridades de aprender de cada sujeito (Gomes,2012).

Estudos indicam, que a convicção do despreparo dos educadores para receber alunos com deficiências ou transtornos é muito frequente na fala da maioria dos professores, uma vez que, o desconforto do educador relacionado ao acolhimento desses alunos, evidencia-se pela ausência de um saber necessário para o trabalho pedagógico que precisa ser realizado com os mesmos. Os estudos também comprovaram que a compreensão do corpo docente acerca da inclusão escolar, contribui para que o processo se torne real, é então necessário o aprendizado técnico, compreendendo os transtornos e deficiências, assim como, requer um aprendizado humanizado, com o objetivo de uma relação fundamentada na empatia docente para construção da relação com o aluno, para fim pedagógico que designa às técnicas, aos métodos e as práticas exercidas (Assis; Santiago, 2016). Sobre a inclusão do aluno Damásio e Bridi (2016), continuam:

Pensar na inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais nos leva a repensar a formação inicial de professores, a formação continuada dos professores em serviço, dos diretores, dos pedagogos, membros das instâncias colegiadas da escola, bem como nossos legisladores. Ninguém pode ser excluído de ser capacitado para a inclusão, todos têm algo a aprender sobre ela (Damásio; Bridi, 2016, p.4).

Todos os professores e os demais funcionários que compõem a educação, necessitam de ser capacitados para a inclusão, ajudando compreender como esses alunos aprendem, suas potencialidades e limitações, e dessa forma possam encontrar estratégias adequadas para a aprendizagem dos mesmos, assim como, ajudá-los a ganhar confiança em si mesmo, e acreditarem em suas capacidades.

Ademais, quando o educador não está capacitado para inclusão, quando o mesmo não tem conhecimento sobre os transtornos específicos de aprendizagem, deixam esses alunos totalmente à margem, por não saber como funciona o processo ensino-aprendizagem deles, de tal maneira, que quando os alunos não possuem laudo são tachadas como “preguiçosas”, “lentas” e “incapazes” e também do fato dos educandos que possuem laudo, para esses educadores não capacitados tem-se o discurso de que “ quem tem laudo, vamos aprovar de qualquer jeito, então, resolve avançar os outros, sendo que não aprenderam”.

Os discursos e práticas de muitos professores, vão contra a legislação dos direitos da pessoa com transtorno de aprendizagem. Os direitos para as pessoas com TA são assegurados por leis que precisam ser conhecidas e praticadas por todos os educadores. A LEI N° 9394/96 (LDB) assegura no artigo 12:

Art.12 - Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e os do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: I - Elaborar e executar sua Proposta Pedagógica; V - Prover meios para a recuperação para os alunos de menor rendimento; Art.13 - Os docentes incumbir-se-ão de: III - Zelar pela aprendizagem dos alunos; IV - Estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento (BRASIL, 1996).

Assim como, destaca-se a LEI Nº14.257/2021 que “dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia, Transtornos do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) ou outros transtornos de aprendizagem” (Brasil, 2021). Segundo o artigo 1º:

Art. 1º O poder público deve desenvolver e manter programa de acompanhamento integral para educandos com dislexia, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. Parágrafo único. O acompanhamento integral previsto no caput deste artigo compreende a identificação precoce do transtorno, o encaminhamento do educando para diagnóstico, o apoio educacional na rede de ensino, bem como o apoio terapêutico especializado na rede de saúde (Brasil, 2021).

É crucial a capacitação dos educadores sobre a inclusão e transtornos de aprendizagem, no qual todos possam colocar em práticas essas legislações elaborando atividades, criando e adaptando materiais, ajustando formas desmistificadas de avaliar, assim como, identificar precocemente esses transtornos para que se possa encaminhar esses educandos aos profissionais especializados, obtendo o diagnóstico para ser concedido o mais cedo possível e assim esses alunos possam ter o apoio necessário, para vencer os desafios dos transtornos.

DIAGNÓSTICO TARDIO

A falta de diagnóstico precoce é um dos grandes desafios para as crianças com TEAp. A falta de conhecimento sobre o tema pode causar preconceitos e desentendimentos, trazendo consequências emocionais negativas para a vida do indivíduo acometido com o transtorno.

Quando o aluno está na classe vendo sua turma avançando e o mesmo ficando para trás, começa o sentimento de frustração e isso intensifica-se por não saber o que lhe está impedindo em seu aprendizado, por muitas vezes, se dedicar e não faltar aulas, mesmo assim, não obtém êxito na aprendizagem. Smith e Strick (2007), cita a realidade de muitos indivíduos no dia a dia escolar:

As dificuldades de aprendizagem podem produzir consequências emocionais. As razões não são nenhum mistério. Como você poderia sentir-se se enfrentasse uma exigência diária para fazer algo que não consegue fazer (ler um livro em sânscrito, por exemplo)? Dia após dia você se esforça, sem sucesso. Você ficaria frustrado? Ansioso? Irritado? Agora, suponhamos que você seja o único em um grupo de 25 pessoas que não consegue executar essa tarefa. Todos os seus companheiros já estão no sânscrito intermediário, e você não consegue sair da primeira página (Smith; Strick, 2007, p.37).

Ao vislumbrar o que os autores supracitados falam sobre o dia a dia escolar, lembramos mais uma vez do filme: “Estrelas na Terra”. O garoto Ishaan sofre muito por não conseguir acompanhar a turma, enfrentando incompreensão, falta de diagnóstico e intervenção escolar.

Ao ter um olhar empático para a realidade cotidiana dos alunos com transtornos específicos de aprendizagem, o educador sensibiliza-se a compreender sua realidade e busca formas de apoio para esses alunos com intervenções adequadas, como as atividades adaptadas, incentivo e apoio emocional. Como por exemplo, o professor de artes do filme “Como Estrelas na Terra”, identificou que Ishaan tinha um problema de aprendizagem, não que o garoto era um problema, como muitos professores fizeram, deixaram o garoto totalmente a margem, sofrendo diariamente sem apoio da escola e nem da família.

O educador faz um papel de grande relevância no diagnóstico precoce dos alunos, tornando-o ativo com o papel de identificar a dificuldade da aprendizagem do aluno, que vai além de uma dificuldade passageira, porque a dificuldade prevalece mesmo após a utilização

de diferentes métodos pedagógicos, e assim ele precisa junto a direção encaminhá-lo para uma equipe multidisciplinar, avaliando-o mais precoce possível para que o mesmo realize uma intervenção, podendo superar as limitações. Quando os indivíduos acometidos com tais transtornos de aprendizagem não recebem o diagnóstico, sofrem durante toda vida, pode ser problemas de origem neurobiológica “ano após ano, muitos desses jovens são erroneamente classificados como tendo baixa inteligência, indolência ou preguiça” (Smith; Strick, 2007, p. 14).

O fechamento do diagnóstico é clínico, delonga um determinado tempo em razão da necessidade de avaliação por muitos especialistas e a concordância entre eles, com objetivo de realizar um diagnóstico confiável, pois, muitos transtornos que não se referem à aprendizagem, apresentam quadros de sintomas parecidos e podem assim ser confundidos. O diagnóstico é fundamentado pelos critérios do DSM-5-TR (2023), é necessário que as dificuldades apresentadas estejam evidentes no mínimo seis meses, mesmo com intervenções direcionadas.

Vale ressaltar, que a busca do diagnóstico tardiamente para o transtorno de aprendizagem, traz grandes consequências para a vida acadêmica do educando, podendo inclusive desencadear comorbidades como ansiedade, depressão e problemas comportamentais em razão do mal desempenho escolar e os comparativos.

Segundo o manual MSD (2022), os indivíduos em investigação podem demonstrar empecilhos como: a leitura lenta e com muito esforço, dificuldade em interpretar; grafia ilegível muitos erros gramaticais e sem pontuação; confusões nas ideias ao se expressar; dificuldade em relacionar os números as quantidades e de resolver operações simples, e também não conseguir aplicar conceitos básicos para resolver problemas matemáticos, falta de atenção, inquietação, e impulsividade (Manual MDS,2022).

Portanto, com o que foi apresentado fica evidente a importância do educador no diagnóstico dos educandos com transtornos de aprendizagem. É preciso que o educador conheça os transtornos específicos de aprendizagem, saibam identificar a diferença da dificuldade de aprendizagem para os transtornos de aprendizagem, no qual esses alunos sejam encaminhados o mais cedo possível para serem avaliados, possibilitando usar estratégias pedagógicas que atendam as especificidades dos mesmos.

A falta de diagnóstico vai resultar em incertezas e preconceito, conseqüentemente, a falta de intervenção adequada resulta na precariedade do avanço acadêmico desses alunos, que mais tarde, terão um grande desafio de recuperar a defasagem, se tiverem oportunidades durante esse processo, o impacto sócio emocional poderá ser grande, fazendo com que muitas vezes esses alunos abandonem a escola.

BULLYING

O bullying, apresenta-se como um dos grandes desafios da comunidade escolar. Vários alunos sofrem preconceitos e violência por sua cor de pele, sua estatura e condição corporal e também por possuírem algum transtorno ou dificuldade de aprendizagem e do fato também de não conseguirem acompanhar o ritmo da turma.

Os educandos que possuem TEAp, são vulneráveis a sofrerem bullying por suas dificuldades acadêmicas visíveis, e por essa razão, muitos desses indivíduos apresentam receio em se expor na sala de aula, tendem a se isolar evitando, no caso de disléxicos, fazer leitura em voz alta, e os que possuem discalculia evitam resolver algum problema matemático solicitado pelo professor, mas no seu interior se sentem frustrados. Essa afirmação, pode ser observada no filme “Como Estrela na Terra”, o protagonista Ishaan sofre bullying na escola pelos colegas, fazendo com que o garoto se sinta muito triste e desmotivado para ir à escola.

O bullying, está presente na vida de muitos indivíduos com transtornos de aprendizagem, muitos sofrem em seu íntimo várias formas de bullying por discriminação, com piadinhas, brincadeiras de mau gosto, apelidos e etc. E assim, essas crianças começam a usar máscaras protetoras, isolando-se, evitando coisas que possam causar danos.

O bullying é capaz de aumentar os desafios emocionais e psicológicos enfrentados por estudantes com TEAp, resultando muitas vezes em baixa autoestima, ansiedade e depressão. E cada vez, intensificando-se mais os desafios desses alunos aprender, já que pela dificuldade específica o emocional fica abalado.

Os educandos aprendem a esconder suas dificuldades com atitudes como: tornando-se o palhaço da classe, conservando-se em silêncio, adoecendo, fugindo das responsabilidades, muitas vezes comportando-se mal ou demonstrando desinteresse (Gómez; Terán, 2014, p.30).

O transtorno específico de aprendizagem pode surgir com o tempo, as comorbidades têm fatores que acontecem sem surgir repentinamente, como destaca Gomes (2019) “As comorbidades não surgem 'do nada'; elas advêm da autoestima rebaixada pela falta de sucesso social e escolar somadas à discriminação, zombaria e outros tipos de bullying, praticados até pela própria família” (Gomes, 2019, p.222).

Apesar dos esforços feitos pela escola inclusiva, pesquisas indicam que os alunos com dislexia continuam a ser alvo de bullying (Bissoto & Silva Filho, 2017; Menezes, Chaves, & Silva, 2015; Pereira, 2014; Rocha et al., 2017; Veras, 2013). Os educandos com discalculia, disgrafia e outros transtornos também são alvo de bullying.

Amorina (2024), destaca que em um levantamento feito no Brasil, 80 % dos responsáveis notaram efeitos negativos em seus filhos diagnosticados com TEAp, dentre eles casos de tristeza, ansiedade e baixa autoestima. Esses indivíduos são vulneráveis a sofrerem dessas comorbidades por muitas vezes sofrerem bullying e por não ter apoio dos pais, professores e profissionais especializados.

Já está em vigor a lei antibullying (nº 13.185/2015) que propõe a criação de programa de intimidação sistemática do bullying. Foi adotada em 2015 pela lei de diretrizes e bases da Educação Nacional (LDB), trazendo a temática para dentro das escolas com objetivo de estimular ações para a conscientização, prevenção e proibição do bullying. O bullying é um dos grandes entraves enfrentados por educandos com TEAp, para construir sua autoestima e, por consequência avançar academicamente. É imprescindível que as escolas adotem políticas antibullying, assim como, forneçam suporte apropriado aos educandos com transtornos específicos de aprendizagem, assegurando um ambiente inclusivo e protegido para todos.

INSEGURANÇA

Os educandos que possuem TEAp, assim como outros transtornos de aprendizagem, enfrentam desafios no seu processo de ensino-aprendizagem que resulta na baixa autoestima e insegurança, afetando negativamente no seu desempenho escolar e no seu bem-estar emocional. Segundo Gómez e Terán (2014) “o principal desafio que têm os pais, professores e profissionais que trabalham com crianças que apresentam dificuldades é ajudá-las a adquirir confiança em si mesmas, a acreditar nas suas capacidades” (Gómez; Terán, 2014, p. 29).

A insegurança, influencia significativamente na aprendizagem dos alunos por afetar sua autoestima, ficando extremamente desmotivado a estudar com os obstáculos encontram no seu processo de aprendizagem, conseqüentemente, intensifica-se as dificuldades existentes pois o medo do fracasso e a baixa autoestima podem interferir na capacidade de concentrar-se e assimilar informações, produzindo um ciclo de ansiedade e baixa autoestima.

As autoras Smith e Strick (2007), destaca a importância dos pais e educadores compreenderem a raiz por trás do problema de aprendizagem dos educandos, e passem para

eles, por ser imprescindível que esses sujeitos conheçam seus próprios padrões e fraquezas e assim, estarão mais favoráveis a aceitarem a si mesmos e não se compararem a outros alunos com aprendizagem típica e acabarem ficando inseguros.

Smith e Strick (2007), destacam a perda de segurança e a autoestima é comum em alunos com dificuldade de aprendizagem, as autoras supracitadas mencionam alguns fatores que exacerbam o sentimento de insegurança.

A perda da confiança e da autoestima talvez seja o “efeito colateral” mais comum de uma dificuldade de aprendizagem. Com demasiada frequência, as crianças atribuem os problemas associados a tais deficiências (baixo desempenho escolar, fracasso para atender às expectativas dos pais, falta de aceitação pelos companheiros) a si mesmas (Smith; Strick 2007, p. 75).

Gómez (2014), destaca que “Em certo sentido a criança aprende pela imagem de si mesma que recebe do outro” (Gómez; Terán 2014.p.30). Desse modo, é fundamental que a imagem recebida pelos alunos perante as pessoas ao seu redor seja positiva, incentivando e motivando os alunos reconhecerem suas potencialidades.

Segundo Ferreira (2016), a aprendizagem e a emoção são interconectadas e evolutivas adaptáveis às experiências vividas especialmente as emocionais, dessa forma, é imprescindível que a escola e a família proporcionem a esses indivíduos um ambiente inclusivo, acolhedor e motivador para que os mesmos possam se sentirem seguros para expressar suas dificuldades e tornando-os mais confiantes para superá-las. Como destaca Smith e Strick (2007):

Os alunos com baixo desempenho escolar a longo prazo tendem a ver a si mesmos como incapazes de aprender; eles antecipam o fracasso e são bem menos persistentes do que os alunos que acreditam na existência de uma relação entre o trabalho duro e o sucesso. Uma vez que um estudante desista de tentar, o fracasso está praticamente garantido. Assim, a crença na própria capacidade para ter sucesso é essencial para qualquer espécie de conquista. Um estudo de alunos com dificuldades de aprendizagem determinou que o autoconceito e a motivação eram prognósticos bem mais poderosos de progresso escolar que a inteligência! (Smith; Strick, 2007, p.76).

Os alunos que possuem baixo desempenho escolar a longo prazo, como é o caso dos alunos com transtornos de aprendizagem, muitas vezes, tendem a fazer referência a si mesmas em termos negativos como: “Não consigo fazer nada direito”, “Não tenho jeito”, “Sou burro” e etc. Os educadores e os familiares, precisam estar atentos a esses alunos para que possam eliminar esse autoconceito negativo de si mesmo.

3. METODOLOGIA

A pesquisa, caracteriza-se como cunho exploratório, que segundo Gil (2008, p.41-42) têm como objetivo “possibilitar maior familiaridade com o problema estudado, com o propósito de torná-lo mais claro e explícito, assim como auxiliar na construção de hipóteses, envolve levantamento bibliográfico, entrevistas e análises de exemplos.”

Foi utilizada uma abordagem qualitativa na elaboração deste trabalho, já que ela é voltada para a qualidade de informações. Segundo Bogdan e Biklen (1982), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, alcançados a partir do contato direto do pesquisador com a situação estudada, evidencia mais o processo do que o produto e se preocupa em descrever o ponto de vista dos participantes.

Como procedimento metodológico, foi realizado um levantamento bibliográfico buscando conhecer e analisar o tema, de forma mais profunda por meio de obras já publicadas. Os materiais utilizados foram: filme, artigos científicos, livros, leis e o google acadêmico.

O campo de pesquisa foi o INCLUIR- Centro Especializado de aprendizagem na cidade de Queimadas-PB. O Centro Especializado em Aprendizagem é um órgão mantido pela prefeitura que atende crianças e adolescentes com transtornos de aprendizagem. Os participantes da pesquisa foram os pais e professores dessas crianças que atuam diretamente com as mesmas. Na coleta de dados, escolheu-se entrevista estruturada qualitativa e questionário, sendo quatro perguntas para os pais e quatro perguntas para os professores, com perguntas abertas para maior aprofundamento na compreensão da temática.

4. RESULTADO E DISCUSSÕES

Neste capítulo, será exposto e analisado as respostas dos participantes referentes aos questionários da pesquisa, na qual foram aplicados a dois grupos fundamentais para compreensão do tema em estudo: os responsáveis pelos alunos e os professores. A análise das respostas, procura identificar em ambos os grupos, percepções, desafios e práticas referentes ao apoio cedido a alunos com transtornos específicos de aprendizagem. No decorrer do capítulo, as respostas serão expostas em forma de quadros para uma melhor compreensão.

A primeira parte deste capítulo, expõe-se as respostas dos responsáveis pelos alunos, com ênfase na percepção de desafios e avanços, participação no processo educacional e mudanças de comportamento e autoestima. Para levantamento dos dados, participaram da pesquisa 10 (dez) responsáveis, representados por “P1”, “P2”, “P3”, “P4”, “P5”, “P6”, “P7”, “P8,” “P9” e “P10”.

No primeiro quadro, mostra os desafios dos pais ao lidarem com as dificuldades de aprendizagem dos filhos. Conforme os dados abaixo:

Quadro 1- Quais desafios você enfrenta no dia a dia ao lidar com as dificuldades de aprendizagem do seu filho(a)?

P1	Dificuldade na fala, leitura e escrita, ela tem acompanhamento com alguns profissionais como: psicóloga, professor de educação emocional e pedagoga, está na espera de uma vaga para a fonoaudióloga.
P2	Ela tem dificuldade na leitura, escrita e matemática, tinha dificuldades em ler frases pequenas. Às vezes ela escreve que nem ela entende fica difícil para outras pessoas entenderem.
P3	Ele enfrenta algumas dificuldades na leitura e escrita, identificadas pela professora no 2º ano, era uma criança insegura.
P4	Ele é complicado de aprender, precisa repetir as coisas várias vezes para ele entender o que estamos falando. Na escola ele está com dificuldade, ele costuma rasgar o caderno dele e dos irmãos, rasga a mochila, tem movimentos repetitivos. Ele tem TDAH, ele descobriu no 4º ano faz dois meses que ele faz acompanhamento.

P5	Vários, por ela ser desinquieta. Ela tem dificuldade em português e matemática. Está com 10 anos e tem TDAH.
P6	Ela tem dificuldades na leitura, ela tem 11 anos é muito triste, colocamos ela na escola para aprender e ela apresenta essa dificuldade, ela é uma criança muito calada e tímida.
P7	É difícil, a dificuldade é nos estudos, ele pede menos do que deveria, ele tem laudo de autista, ele sabe ler pouco, escreve o nome dele colocando outras letras que não faz parte do nome. Ele sabe contar até 10, mas não conhece os números. É difícil compreender ele pois tem dias que ele está bem, em outros está mais agressivo. Não é todos que o entendem, ele tem 8 anos e está no 3º ano.
P8	Apresenta dificuldade na leitura e escrita foi identificado no 1º ano, a professora chegou e falou que ele não acompanhava os outros colegas. Faz três anos que ele é acompanhado pelo incluir. Ele faz aula de reforço no contraturno na escola, antes ele não tinha evolução e hoje tem é antes os professores eram bons, mas não sabiam o que ele tinha.
P9	É complicado, pois ela apresenta dificuldades em muitas áreas de leitura, escrita e matemática.
P10	Antes eu ficava me perguntando por que ela não aprendia igual as outras crianças e quando eu não sabia da dificuldade dela eu ficava a comparando com os outros alunos pensando que era falta de interesse dela. Aí, a professora me chamou no 1º ano para encaminhá-la pra vim pra cá demorou um pouco para ela conseguir a vaga.

Ao analisar as respostas dos responsáveis, percebemos vários desafios enfrentados no cotidiano ao conviver com as dificuldades de aprendizagem de seus filhos. As dificuldades mencionadas abrangem problemas em leitura, escrita e na matemática, além de aspectos comportamentais e emocionais, como timidez e insegurança.

As respostas evidenciam a presença de características de transtornos específicos de aprendizagem, como dislexia, discalculia e disgrafia, que são o foco central desta pesquisa. Além disso, há também relatos de alunos com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e Transtorno do Espectro Autista (TEA), reforçando a diversidade de desafios que essas crianças enfrentam. Esses relatos, mostram que muitos pais buscam ajuda especializada, como psicólogos e fonoaudiólogos, mas também, enfrentam dificuldades com o tempo de espera por vagas e a falta de recursos pelo grande número de crianças. Foi coletada informações que há mais de cem crianças na fila de espera que vai melhor com o novo prédio que vai ser inaugurado maior e com mais estrutura e recurso e vai ser contratado mais profissionais.

Essa diversidade de transtornos e os desafios diários enfrentados pelas famílias, destacam a necessidade urgente de uma formação continuada para os profissionais da educação, como salienta Abramowicz (2003). As escolas, em sua maioria, ainda não estão preparadas para acolher alunos com perfis de aprendizagem atípicos. Apenas conhecendo e compreendendo as necessidades desses alunos, os educadores estarão aptos a promover uma educação inclusiva e adaptativa, respondendo à diversidade presente na sala de aula.

Quadro 2- Como você percebe a evolução do seu filho(a) desde que ele começou a frequentar o INCLUIR?

P1	Melhorou na interação social e está mais autônoma nas atividades; começou a ler.
P2	Melhorou na leitura, mas ainda há desafios a superar.
P3	Ele desenvolveu bastante pra vista que estava, na leitura e escrita.
P4	Melhora significativa com o uso de Ritalina, especialmente no foco nas aulas. A professora até perguntou o que tinha acontecido com ele quando começou a tomar o remédio, pois ele começou a prestar atenção na aula.
P5	Melhorou na escrita, leitura e matemática, após dois anos de acompanhamento.
P6	Interage mais com outras crianças, ainda sem diagnóstico definido, começou o acompanhamento recentemente.
P7	Mostra mais interação com as crianças e está evoluindo no aprendizado.
P8	Melhorou o humor e comportamento, evoluiu na leitura e matemática após três anos de acompanhamento, antes ele ficava nervoso para responder a atividade com medo de não conseguir.
P9	Ela melhorou bastante na leitura, escrita e matemática.
P10	Ela evoluiu bastante, quando ela veio pra cá não sabia ler nem escrever, não acompanhava os outros colegas. Ela evoluiu na matemática não está no mesmo nível da turma atualmente, mas avançou diante das suas limitações, ela está lendo textos bem, na escrita e matemática ela evoluiu bastante, mas ainda tem o que melhorar.

Os responsáveis, relatam avanços significativos nas crianças após o início do acompanhamento pelo INCLUIR. As melhorias são observadas especialmente em leitura, escrita e na matemática, além de mudanças no comportamento e na interação social. Esses resultados reforçam a importância de um atendimento multidisciplinar, que reúne profissionais como psicólogos, pedagogos, psiquiatras e fonoaudiólogos, permitindo um acompanhamento mais eficaz e individualizado.

Os avanços relatados, como a melhora na autonomia, na interação social e no desempenho acadêmico, evidenciam o impacto positivo desse tipo de suporte. Fica claro que, sem um projeto como o INCLUIR, muitos desses alunos não teriam o progresso que alcançaram. O atendimento acessível e especializado proporciona aos alunos e suas famílias um suporte fundamental para superar as dificuldades de aprendizagem, sem a identificação e encaminhamento do professor da sala regular, esses alunos teriam ficado sem esse apoio tão necessário.

Quadro 3- De que maneira você participa do processo educacional do seu filho(a) junto à escola e ao INCLUIR?

P1	Ajuda com as atividades escolares em casa e faz leitura com a filha.
----	--

P2	Incentiva e ajuda a filha nas atividades difíceis, com desejo de vê-la progredir.
P3	Sempre ajuda nas atividades e não deixa faltar às aulas da escola e do incluir.
P4	Ajuda nas atividades e incentiva a estudar. Olha as atitudes todos os dias, ajudo quando precisa de auxílio. Ajuda ele nas leituras e escrita que está começando a aprender.
P5	Ajuda nas atividades e incentiva a estudar.
P6	Ela está interagindo mais com as outras crianças não têm diagnóstico, ela começou a frequentar e ter acompanhamento há um mês. Já tinha tido esse encaminhamento, mas a mãe não a trouxe, quem traz a menina é a avó.
P7	Ajudo na leitura e nas atividades, ele adora o incluir ele se sente mais inclusivo do que na escola, aqui dão muita atenção a ele.
P8	Monitora as atividades, limita o tempo no celular e incentiva os estudos.
P9	Ajuda com as atividades e brinca para estimular o aprendizado.
P10	Sempre incentiva a filha e não deixa faltar às aulas; acompanha de perto o progresso.

A maioria dos pais relatou participação ativa no processo educacional de seus filhos, seja incentivando-os a estudar, ajudando nas atividades escolares ou monitorando o uso de telas. Essa participação se mostrou essencial para o progresso das crianças, reforçando o papel da família na rede de apoio.

Um ponto importante levantado por P8 foi o controle do tempo de uso de dispositivos eletrônicos, que, atualmente, podem prejudicar ainda mais o aprendizado de crianças que necessitam de atenção especial. O INCLUIR, está sendo o lugar em que essas crianças se sentem mais acolhidas, como relatou o P7, diferente da realidade escolar de muitos alunos, é uma preocupação evidente. A falta de uma formação adequada para os professores torna a inclusão efetiva difícil de alcançar no ambiente escolar.

Além disso, casos como o de P6, em que a avó teve um papel essencial para garantir que a criança fosse acompanhada, mostram a importância de um envolvimento familiar direto. Sem esse apoio, o desenvolvimento emocional e acadêmico das crianças pode ser prejudicado, como no caso da mãe que demorou a aceitar o encaminhamento para o acompanhamento.

Quadro 4- Quais mudanças você notou no comportamento e na autoestima do seu filho após o início do acompanhamento no INCLUIR?

P1	Está mais alegre e sociável; antes era isolada.
P2	Melhorou, mas ainda é insegura em algumas atividades
P3	Mais confiante e sociável.
P4	Ainda tímido, mas pouco tempo de acompanhamento.

P5	Evolução lenta, mas está progredindo.
P6	Ela está conversando mais e está mais feliz.
P7	Está menos tímido e mais animado para interagir com outras crianças.
P8	Mais confiante e menos ansioso em relação às atividades escolares.
P9	Melhorou a autoestima e se sente mais confiante nas tarefas.
P10	Era muito insegura e chorava; agora está mais segura e interage com as pessoas.

Muitos responsáveis, notaram um aumento significativo na autoestima e na confiança de seus filhos após o início do acompanhamento. Alunos que antes eram tímidos e inseguros passaram a interagir mais com os colegas, além de apresentarem um comportamento mais alegre e confiante. Esses resultados indicam que o apoio emocional oferecido pelo INCLUIR é tão importante quanto o suporte acadêmico.

Casos como os de P1, P7, P9 e P10, que relatam melhorias na autoestima e no comportamento social, mostram que o acompanhamento especializado pode transformar o ambiente escolar e o bem-estar emocional dessas crianças. Ainda assim, em alguns casos, como o de P4, o progresso pode ser mais lento, destacando a importância de um acompanhamento contínuo e individualizado para garantir que cada aluno tenha o suporte necessário para superar suas barreiras.

ANÁLISE DA RESPOSTA DOS PROFESSORES

Para obtermos uma visão sobre as práticas, estratégias e desafios enfrentadas pelas pedagogas que trabalham com alunos com transtornos de aprendizagem, foram enviados questionários para cinco professoras, no entanto, destas apenas duas responderam, limitando a amplitude dos dados analisados. Com isso, no entanto, já podemos perceber a possível insegurança e falta engajamento de alguns professores ao tema, podendo evidenciar um problema maior como sobrecarga no trabalho ou falta de tempo que podem prejudicar o êxito nas redes de apoio.

Quadro 5- Quais estratégias você utiliza para identificar e atender às necessidades específicas dos alunos com transtornos de aprendizagem?

PA	Para identificar as necessidades específicas dos alunos com transtornos de aprendizagem, aplicamos questionários de subjetividade do aprendente e seu entorno para conhecer o potencial e as fragilidades do aprendente, desde a oralidade, até os gostos dos mesmos. Aplicamos avaliações diagnósticas de língua portuguesa e matemática para conhecer as aprendizagens através de jogos e atividades avaliativas, e memorização, atenção e concentração. Também promovemos avaliação da socialização. Após coletarmos todas as informações, elaboramos o plano de intervenção individual, elaborando atividades e jogos que fortaleçam a aprendizagem em cada campo avaliado.
PB	Durante o início das sessões de atendimento pedagógico, trabalhamos com vários instrumentos para identificar as necessidades específicas das crianças e adolescentes. Acessamos os prontuários para resgatar as informações anotadas referentes ao histórico e evolução dos profissionais. Questionários de identificação das maiores dificuldades e parecer com devolutivas sobre as avaliações.

Percebe-se que, os professores usam múltiplos instrumentos para identificar as necessidades dos alunos com transtornos de aprendizagem, como prontuários e questionários e essa conduta confirma a importância de uma rede de apoio estruturada, no qual a parceria entre eles os professores, psicopedagogos, psicólogos, família e os demais, isso reforça a importância das ferramentas diagnósticas adequadas e as informações continua entre todos para adaptar o ensino às necessidades dos alunos.

Apesar das respostas ter nos trazido uma visão geral das estratégias, identificando as necessidades dos alunos, foi observado que as informações fornecidas foram limitadas a detalhes para as metodologias e práticas adotadas para as especificidades desses transtornos, e esperava-se uma descrição mais profunda, e seria relevante entender quais atividades e estratégias elas utilizam, não satisfeita com os dados obtidos, trarei algumas estratégias para atuar na sala de aula com dislexia, discalculia e disgrafia.

Para ajudar as crianças com dislexia, em princípio na classe é necessário as colocar nas primeiras fileiras da frente. Brites (2024), destaca algumas estratégias: A aprendizagem multissensorial é uma abordagem eficaz, pois envolve diferentes sentidos, como visão, audição e tato, o que facilita a assimilação de informações destaca também atividades práticas, como escrever com materiais táteis ou realizar jogos de soletração, tornando o aprendizado mais envolvente. Além disso, exercícios que estimulam a percepção auditiva, como músicas e rimas, são cruciais para desenvolver a consciência fonológica, um aspecto fundamental para a leitura. É igualmente importante respeitar o ritmo de aprendizagem de cada aluno, oferecendo materiais de apoio no início das aulas e permitindo prazos mais flexíveis para a realização de tarefas. Incorporar jogos educativos não apenas torna o aprendizado mais divertido, mas também, ajuda os alunos a associar sons e formas das palavras de maneira lúdica.

Segundo o SEI – Centro de Desenvolvimento e Aprendizagem (s.d.), é fundamental, no início da aula, recapitular os conhecimentos da aula anterior proporcionando à criança experiências concretas com números, utilizando blocos, figuras e objetos manipuláveis, assim como, em problemas matemáticos. Além disso, é importante dialogar com a criança sobre a matemática, estimulando-a a falar, escrever e compreender o vocabulário matemático. Situações-problema podem ser explicadas como se fossem histórias, e uma linha numérica pode ser usada para ajudar o aluno a compreender a diferença entre números maiores e menores. Também é recomendado, ditar números e orientar o aluno a explicar a relação entre eles. Pedir que a criança desenhe o problema matemático, elaborar perguntas claras e diretas nas atividades

e avaliações, e permitir o uso de calculadora ou tabuada, são estratégias eficazes. É essencial garantir, que os alunos compreendam os conceitos básicos antes de avançar no conteúdo. O uso de jogos lúdicos, como quebra-cabeças matemáticos e jogos de tabuleiro que envolvam contagem, assim como, o uso de ferramentas visuais (gráficos, desenhos e tabelas), é extremamente importante para ensinar conceitos matemáticos abstratos, como frações e multiplicações.

Segundo Sousa (2023), para promover o desenvolvimento psicomotor e aprimorar as habilidades gráficas, algumas atividades práticas têm mostrado resultados, sendo elas exercícios de grafomotricidade, como traçar labirintos ou seguir trilhas pontilhadas, auxilia as crianças a fortalecer maior controle dos movimentos manuais. Atividades pictográficas, como desenhar, pintar e modelar estimulam a criatividade e aprimoram a coordenação motora. Portanto, práticas contínuas de caligrafia, a correção da postura ao escrever, ajuste da posição das mãos e do papel e a verbalização das formas das letras são estratégias eficazes que juntas podem ajudar a minimizar os desafios causados pela disgrafia.

Quadro 6- Como o trabalho na sala de aula regular em parceria com o INCLUIR contribui para o desenvolvimento acadêmico dos alunos com transtornos de aprendizagem?

PA	O trabalho em colaboração é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes atendidos no Incluir. Disponibilizamos relatórios anuais, informes psicopedagógicos e visitas escolares em todas as redes para saber sobre o desenvolvimento acadêmico.
PB	O trabalho na sala de aula regular, em parceria com o INCLUIR, contribui de forma significativa, pois a sala de aula deve ser o lugar onde o aluno é o protagonista da sua história. Investimos nessa parceria e fazemos visitas aos alunos sempre que necessário, bem como enviamos relatório contendo todo o processo avaliado e as indicações de ajudá-los. Também estamos atentos aos avanços pois acompanhamos o processo do aluno na aquisição de suas aprendizagens semanalmente.

O trabalho conjunto entre a sala de aula regular e o INCLUIR, é fundamental e necessário. Eles realizam visitas e enviam relatórios frequentes, o que ressalta a importância da formação continuada dos professores para que sigam as orientações de forma adequada. Dessa maneira, ambos potencializam o desenvolvimento acadêmico desses alunos, com cada um cumprindo seu papel.

Quadro 7- Quais são os principais desafios que você enfrenta ao trabalhar com alunos que possuem transtornos específicos de aprendizagem?

PA	Ao trabalhar com alunos que possuem Transtornos específico de aprendizagem, encontramos como maior desafio a motivação dos alunos que apresentam dificuldades em avançar no processo de aquisição da leitura e escrita visto que os mesmos se desmotivam e como muitas vezes o processo é lento eles perdem o desejo e a esperança de aprender daí precisamos está sempre inovando e incentivando para que não desistam de aprender.
PB	Um dos principais desafios ainda está sendo a quantidade de sessões o tempo que é apenas 40min semanais. No próximo ano iremos expandir os atendimentos pedagógico para 2 a 3 vezes por semana. As vezes acontece da família não se

	implicar no comprimento da rotina familiar e não seguir as orientações dos profissionais. Muitas vezes a família não está em busca de diagnóstico imediato e a nossa missão é atuar na intervenção pedagógica.
--	--

Os desafios mencionados pelos professores, como o tempo limitado de atendimento evidência, a quantidade de alunos que necessitam dessa intervenção, a falta de envolvimento familiar, são aspectos que dificultam o sucesso do processo de ensino. Muitas famílias ficam preocupadas com os filhos apenas se eles têm condições de receber algum benefício e não estão preocupadas com o processo educacional dos mesmos.

A desmotivação dos alunos devido ao progresso lento, reforça a necessidade de intervenções inovadoras e motivadoras. O professor e todos os envolvidos têm esse grande papel de promover intervenções inovadoras que são eficazes em motivar esses alunos, para isso precisam estar sempre se atualizando.

Quadro 8- Como você percebe o progresso dos alunos com transtornos específicos de aprendizagem ao longo do tempo?

PA	Durante as sessões, percebemos avanços nos conhecimentos acadêmicos, regulação das emoções e autonomia, e desenvolvimento psicológico. Em média, essas mudanças são percebidas após três meses ou durante o processo de permanência na instituição.
PB	Percebemos o progresso dos nossos alunos ao avaliarmos diariamente durante as sessões, ou seja, semanalmente. Observamos e realizamos atividades que nos auxiliam no processo de avaliação. Sendo assim, acompanhamos as evoluções desde a oralidade, a leitura, a escrita, a resolução de cálculos matemáticos, as integrações das emoções, a atenção à capacidade de memorizar e enfim, tudo que faz parte da vida dos nossos até mesmo as questões sociais e famílias.

Podemos ver que os alunos com transtornos de aprendizagem, realmente conseguem avanços escolares. Regular suas emoções e desenvolver autonomia, isso só acontece com as interações e estratégias corretas, muitas crianças com transtornos de aprendizagem podem superar seus desafios e limitações, desenvolvendo suas habilidades de forma considerável.

Considera-se assim, que uma rede de apoio bem estruturada que envolve capacitação dos professores, envolvendo os familiares e políticas públicas eficazes, pode-se então, amenizar esses desafios e favorecer um ambiente mais inclusivo e produtivo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados expostos na pesquisa, é possível identificar a importância crucial de uma rede de apoio para alunos com transtornos específicos de aprendizagem, como dislexia, discalculia e disgrafia. Inicialmente, é fundamental compreender esses transtornos para que não sejam confundidos com dificuldades de aprendizagem, já que, a ausência de intervenção precoce pode trazer sérios prejuízos para os alunos de ambos os casos. Aqueles que possuem transtornos de aprendizagem enfrentam desafios significativos no ambiente escolar, como bullying, insegurança, falta de formação dos professores e autoestima reduzida. A pesquisa

revela, que os alunos vivenciam esses obstáculos, mas que a rede de apoio tem trabalhado para ajudar a superar tais desafios.

Além disso, a legislação brasileira assegura os direitos desses educandos, como a Lei nº 9394/96 e a Lei nº 14.257/2021, que reforçam a necessidade de intervenções adequadas e estratégias pedagógicas ajustadas às necessidades desses alunos. No entanto, a aplicação dessas leis, ainda precisa ser amplamente divulgada e praticada no ambiente educacional. Cabe ao poder público e aos profissionais da educação e saúde, promover essa conscientização, além de oferecer formação continuada para os professores. Atualmente, existem diversos recursos, como o canal Hema Neuroeducação no YouTube, que oferece palestras com certificação gratuita sobre o tema e outros transtornos do neurodesenvolvimento, e o Instituto ABCD, que fornece informações sobre dislexia, e cursos on-line gratuitos trazendo informações sobre outros transtornos específicos de aprendizagem.

Destacamos ainda, a relevância do educador nesse processo. O professor é a peça-chave na criação e do fortalecimento da rede de apoio, facilitando a comunicação entre a família e os profissionais de saúde. Desse modo, esses alunos podem ter um ensino significativo, com atividades adaptadas e estratégias comprovadas para superar as barreiras impostas pelos transtornos de aprendizagem. Para isso, é essencial que os professores estejam capacitados, pois, quando compreendem o tema, estarão mais preparados para lidar com as especificidades dos alunos, desgastando-se menos e nem prejudicando o processo de ensino.

Os dados da pesquisa, evidenciam que muitos professores ainda se sentem inseguros para trabalhar com esses alunos, o que não pode ocorrer, pois isso, aumenta o risco de desistência escolar. O processo de aprendizagem dos alunos com transtornos específicos é mais lento, e, por isso, é necessário garantir que eles se sintam felizes, incluídos, inspirados e motivados. O papel da rede de apoio é fundamental para alcançar esse objetivo.

Em suma, alunos com transtornos de aprendizagem têm o potencial de alcançar o sucesso escolar, desde que recebam o apoio apropriado e contínuo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. **Quem são as crianças multirrepetentes?** In: ABRAMOWICZ, Anete; MOLL, Jaqueline (Orgs). Para além do fracasso escolar. 6^a.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

ACAMPORA, Beatriz e ACAMPORA, Bianca. **Psicopedagogia institucional: guia teórico e prático.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

ALVES, L. M.; MOUSINHO, R.; CAPELLINI, S. A. (Orgs.). **Dislexia: novos temas, novas perspectivas.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Referência rápida aos critérios diagnósticos do DSM-5-TR.** Porto Alegre: Artmed, 2023.

AMORINA, Juliana. **O que é o transtorno específico da aprendizagem e qual sua relação com o bullying.** Exame, São Paulo, 9 jun. 2024. Disponível em: <https://exame.com/bussola/juliana-amorina-o-que-e-o-transtorno-especifico-de-aprendizagem-e-qual-sua-relacao-com-o-bullying>. Acesso em: 7 ago. 2024.

ASSIS, R. M.; SANTIAGO, A. L. B. **Inclusão escolar: uma proposta de pesquisa intervenção.** Revista de Educação Pública, v. 25, n. 58, p. 57-74, 2016.

BASTOS, José Alexandre. **Matemática: Distúrbios específicos e dificuldades**. Cap. 14. In: ROTTA, Newra Tellechea et al. **Transtornos de Aprendizagem: abordagem neurobiológica e Multidisciplinar**. Porto Alegre, 2016.

BERNARDI, J.; STOBÄUS, C. D. **Discalculia: conhecer para incluir**. Revista Educação Especial, v. 27, n. 48, p. 15-26, 2014.

BISSOTO, M. L.; SILVA FILHO, D. **O fenômeno do bullying em relação aos alunos com necessidades educacionais especiais: um estudo a partir do cotidiano escolar**. Revista Cocar, 11(22), 327-346, 2017.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Editora, 1982.

BRASIL. Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021. **Dispõe sobre a Política Nacional de Atenção às Pessoas com Doenças Raras**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1 dez. 2021. Seção 1, p. 1. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14254.htm. Acesso em: 10 jun. 2024.

BRITES, Luciana. **Como trabalhar a dislexia em sala de aula?** Instituto NeuroSaber, 2024. Disponível em: <https://neurosaber.com.br/artigos/como-trabalhar-a-dislexia-em-sala-de-aula/>. Acesso em: 21 out. 2024.

Como Estrelas na Terra. Direção de Aamir Khan. Índia. 2007. (175 min.), color.

DAMÁSIO, Paula Cristina; BRIDI, Jamile Cristina. A. **Uma proposta de formação continuada para enfrentamento aos transtornos específicos de aprendizagem**. Paraná, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_utfpr_paulacristinadamasio . Acesso em: 3 jun. 2014.

DIAS, Rosana Siqueira. **Bases neuropsicológicas da aprendizagem**. In: VALLE, Luiza Elena Leite Ribeiro (Org.). Temas multidisciplinares de neuropsicologia e aprendizagem. São Paulo: TECCI, 2003.

GARCÍA, J. N. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.

GÓMEZ, Ana Maria Salgado; TERÁN, Nora Espinosa. **Transtornos de aprendizagem e autismo. Coordenação de Gabriela Carrera**. Tradução de Adriana de Almeida Navarro. Revisão técnica da edição brasileira de Fátima A. Gonçalves e Raquel Assunção Figueiredo. Cultural, S.A, 2014.

GOMES, Maria Lúcia M. **Quando a instituição escolar contribui para a violência: Um olhar sobre os portadores de transtornos de aprendizagem**. VÉRTICES, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 14, n. Especial 1, p. 219-229, 2012.

SEI - Centro de Desenvolvimento e Aprendizagem. **Estratégias e atividades para crianças com discalculia - Guia para pais e professores.** Disponível em: <https://www.centrosei.pt/estrategias-atividades-discalculia> . Acesso em: 21 out. de 2024.

SOUSA, Jociandre Barbosa de. **Disgrafia: Entendendo os Desafios da Escrita.** Senador Pompeu: Editora UNISV, 2023. Disponível em: <https://www.editorauniv.com.br/post/disgrafia-entendendo-os-desafios-da-escrita>. Acesso em: 21 out. 2024.

IANHEZ, M. E.; NICO, M. A. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares.** São Paulo: Alegro, 2002.

Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. **Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying).** Diário Oficial da União: Brasília, DF, Seção 1, p.

MENEZES, M. R. G.; CHAVES, J. O.; SILVA, J. M. C. **Dislexia e suas implicações no processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita.** In L. S. Almeida, A. M. Araújo, J. F. Cruz, J. C. Morais, & M. R. Simões. (Orgs.). Atas do 2º Congresso Internacional de Psicologia, Educação e Cultura. Edições ISPGaya: Vila Nova de Gaia. ISBN: 978-9728182-17-5.

OHLWEILER, Lygia. **Fisiologia e Neuroquímica da Aprendizagem.** Cap. 3. In: ROTTA, Newra Tellechea et al. **Transtornos de Aprendizagem: abordagem neurobiológica e Multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, 2016.

OHLWEILER, Lygia. **Introdução aos transtornos da aprendizagem.** Cap. 9. In: ROTTA, Newra Tellechea et al. **Transtornos de Aprendizagem: abordagem neurobiológica e Multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, 2016.

PEREIRA, K. K. **Consequências e implicações do bullying nos envolvidos e no ambiente escolar.** Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas, 1(2), 2014.

ROCHA, L. A. A.; AMORIM, M. V. M.; ROCHA, C. A. Q. C. **Dislexia e bullying: a ação dos professores para evitar a rejeição por alunos disléxicos em sala de aula.** Caderno Científico FAGOC de Graduação e Pós-Graduação, 2(1), 2017.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

APÊNDICE - ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA OS RESPONSÁVEIS

1. Quais desafios você enfrenta no dia a dia ao lidar com as dificuldades de aprendizagem do seu filho(a)?

2. Como você percebe a evolução do seu filho(a) desde que ele começou a frequentar o INCLUIR?

3. De que maneira você participa do processo educacional do seu filho(a) junto à escola e ao INCLUIR?

4. Quais mudanças você notou no comportamento e na autoestima do seu filho após o início do acompanhamento no INCLUIR?

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

1. Quais estratégias você utiliza para identificar e atender às necessidades específicas dos alunos com transtornos de aprendizagem?

2. Como o trabalho na sala de aula regular em parceria com o INCLUIR, contribui para o desenvolvimento acadêmico dos alunos com transtornos de aprendizagem?

3. Quais são os principais desafios que você enfrenta ao trabalhar com alunos que possuem transtornos específicos de aprendizagem?

4. Como você percebe o progresso dos alunos com transtornos específicos de aprendizagem, ao longo do tempo?

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me concedeu forças e coragem para não desistir, e proporcionou-me viver para realizar esse sonho.

A minha mãe Maria Luiza e meu avô Manuel, sempre me apoiaram, acreditaram e contribuíram para que eu pudesse vencer os obstáculos do meu caminho.

A Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – Campus I. A coordenação do curso de Pedagogia e a comunidade acadêmica.

Aos professores e professoras que contribuíram em minha formação e deixaram sua marca, servindo-me de inspiração.

Agradeço a meu namorado André, que sempre incentiva, encorajando-me a lutar para conquistar os meus sonhos.

A minha orientadora Livânia Beltrão, por ter-me orientado na construção desse trabalho, transmitindo-me tranquilidade.